



Franklin Cascaes

não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 -

“Conta um conto que eu risco um ponto”



não há nada de novo debaixo do sol

Proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Apresentação da proposta:

Esta oficina objetiva-se desenvolver a prática do desenho e exercitar o modo inventivo dos alunos. Introduce-se a produção literária de Cascaes e Borges e utilizam-se fichas com alguns contos para ler aos alunos. Sugere-se a criação de desenhos a partir das narrativas apresentadas. Após o término da atividade dos alunos, apresentam-se as composições realizadas.



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

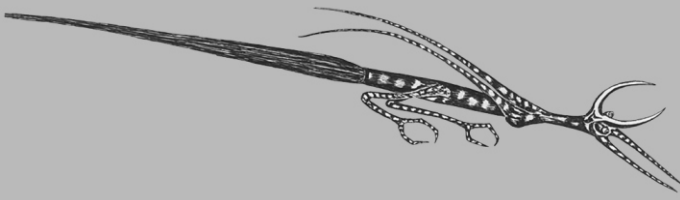
VIGIA

Além dos 20 homens que trabalham com as redes há “os camaradas vigias”. Estes são escolhidos e considerados entre a tripulação como verdadeiros técnicos na arte de enxergar o peixe nadando em direção aos lanços, isto é, lugares onde podem ser cercados com as redes.

O número de vigias em Pântano do Sul é de uns 20 homens, que se distribuem em volta da praia sobre os cômoros e penhascos, permanecendo aí dias inteiros, vigiando com muita atenção o aparecimento dos peixes no lanço. Esses homens têm grande responsabilidade no êxito ou fracasso da pesca.

Quando um deles avista o peixe vindo em direção aos lanços, entra imediatamente “em conselho” com outros vigias para ver se convém ou não dar sinal à tripulação que está na praia aguardando ansiosamente a ordem de cercar. O peixe aparece, às vezes, em “magotes” (pequena quantidade) “fuzilando” (virado de barriga para cima), em “cano” (uma fila em direção ao lanço), em “manta” (quantidade regular), em “cardume” (quantidade maior) e, finalmente, um “encarnado”, que são justamente muitos milhares de peixes.

Quando o peixe entra no lanço e a quantidade é compensadora para uma boa pesca, os vigias iniciam o sinal e a tripulação que está na praia começa a correr em direção ao povoado, soltando uma espécie de clamor ou “apupo”, que ecoa pelos ares, alertando toda a população, que corre em disparada a caminho da praia para trabalhar ou assistir o espetáculo tradicional e maravilhoso que é a pesca da tainha, presente que o Creador vem lhes dando ano após ano desde o tempo de seus antepassados.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

SINAIS E POSIÇÕES DOS VIGIAS EM RELAÇÃO À SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA PRAIA

Combinada a ordem do sinal, os vigias entram em ação. Para dar os sinais, isto é, “abandar”, usam paletós, panos ou chapéus. Para a embarcação com a rede sair do rancho, até a “pancada da maré”, os vigias abanam para a frente; para iniciar o cerco da praia até alcançar o lanço, abanam para o lado do Sul; para fazer o cerco, abanam para o lado Leste ou Oeste, conforme a posição do vigia; para fechar o cerco, abanam para o lado Norte. Para sair só uma embarcação com a rede, o vigia conserva-se no lugar onde está colocado.

Se eles calcularem o cardume que entrou no lanço em muitos milhares, então o sinal é dado da seguinte maneira: para sair outra canoa com rede o vigia desde do cômodo ou penhasco e vem colocar-se na praia junto ao mar; para duas redes, desde outro vigia e coloca-se ao lado do primeiro; para três redes, desde o terceiro e coloca-se ao lado do segundo e assim até completar o número de seis, se for preciso, e que é justamente o número de redes que eles possuem em Pântano do Sul. Quando o peixe aparece à noite, os sinais são dados dos mesmos lugares, cômodos ou penhascos, com fachos de bambus secos ou com tições, obedecendo o mesmo ritmo anterior, que é a tradição do lugar.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

O CERCO

Quando o cerco é feito por mais de uma rede, acontece o seguinte: a primeira fica mais próxima da praia; a segunda contorna a primeira; a terceira contorna a segunda; e assim sucessivamente, formando uma espécie de semicircunferência concêntrica. A tainha ao sentindo-se cercada vai pulando por cima da rede, passando de um cerco para outro. Por essa razão é que a última rede consegue prender maior quantidade de peixe.

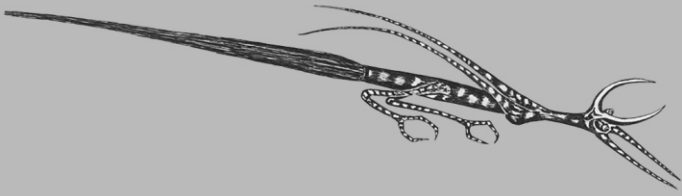


não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

PUXAMENTO DAS REDES PARA A PRAIA APÓS O CERCO

Terminando o cerco, encalham a canoa na praia e sua tripulação corre a auxiliar os camaradas encarregados de puxar a rede. À medida que a rede vai se aproximando da praia, eles a vão contornando com os pés sobre a tralha inferior e com as mãos suspendendo a tralha superior acima da superfície do mar para evitar que grande quantidade do peixe cercado consiga passar por baixo ou saltar para cima da rede. Ao chegarem com a rede na praia, jogam todo o peixe que conseguiram pescar, num monte, recolhem a rede na canoa e voltam para ajudar os camaradas da outra rede que está em segundo lugar e assim vão fazendo até terminar de recolher a última rede que está no cerco. Quando não há mais peixe para lancear, recolhem as canoas para os ranchos e estendem as redes nos varais para secar.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

DISTRIBUIÇÃO DO PESCADO

O peixe é dividido em duas partes, em quantidade e tamanho iguais. Uma parte pertence aos seis donos das redes que formam a sociedade. A outra pertence aos 120 camaradas e é dividida entre os mesmos em quantidade e tamanhos iguais. Além do quinhão de camaradas, cada remeiro tem direito a uma tainha por mil e o vigia tem direito a 28 por mil, que corresponde ao quinhão de sete camaradas.



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Benedura de Mau-olhado

(Texto recolhido em Pântano do Sul)

Pedro eu te benzo em nomi de Deus e da Virgi Maria.

Pedro três vêz eu ti benzo, três vezes eu ti chamo em nome de Deus e da Virgi Maria.

Deus te gerô i Deus ti criô i eu ti benzu com as três Pessôa da Santíssima Trindade, quando o padri levanta a Deus na hora da missa.

Si foi um quebranti invejado que ti botaro, Deus Nosso Senhor ti tire com a Sua Santa Mão.

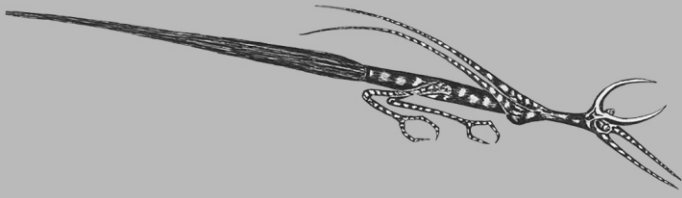
Si dado por pai, si dado por mãe, si foi avô, ou os teu parente mesmo;

Si ti dero na bibida, no bem querê, no mau pensá assim como si acha na Casa Santa i as três Pessôa da Santíssima Trindade i o cali Bento e a Pedra d'ara que o padri não diz a missa sem ela.

Bendito lovado seja, o Santíssimo Sacramento do altá, a Imaculada Virgi Maria, meu Anjo da Guarda similhaça do Sinhô, meu impero guardadô, bem guardado seja a noite com a esperança do dia, bem guardado seja vós com a vossa companhia.

Assim como Nosso Sinhô Jesus Cristo andô nove mês guardado no ventre da Virgi Maria. Amém.

Observações: Para fazer-se esta benzedura usam-se três galhinhos de arruda, alecrim ou uma faca que tenha o cabo de prata. Acreditam que o sol recebe o mau-olhado, que sai da pessoa que é benzida, e o leva consigo para o além. Por esta razão, só praticam esta benzedura na presença do sol. Antes de começarem e depois de terem terminado a benzedura, persignam-se, que é para não receberem o mau-olhado que sai do corpo do doente. Repetem a oração nove vezes. Quando o doente está com o corpo carregado de mau-olhado, o benzedor fica cansadíssimo de tanto bocejar.



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Um milagre

Milagre acontecido na Igreja

da Nossa Senhora da Conceição

Contaram-me várias pessoas da Lagoa da Conceição que há muitos anos passados ainda no tempo da escravatura aconteceu um fato muito triste na igreja local que estremeceu todo o povo do lugar. Um dos altares do lado esquerdo da nave daquela igreja é consagrado a Santo Amaro. Aconteceu que um certo senhor de engenho que ali residiu e fez parte das diretorias das fábricas da Igreja, cismou que a imagem de Santo Amaro que estava colocada no altar se achava muito velha e descorada.

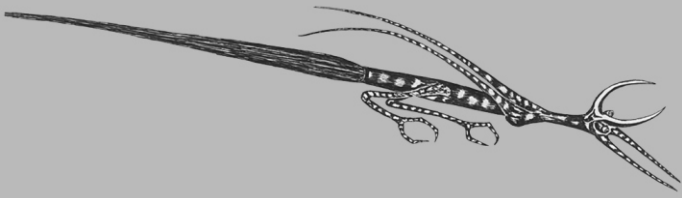
Por esta razão, depois de ouvir o conselho da fábrica, procurou adquirir outra imagem nova para substituir aquela. Quando recebeu a imagem nova, o homem retirou a antiga do seu nicho e ordenou a um preto escravo que tomasse uma embarcação e a fosse colocar na Ilha do Xavier. A ilha referida fica um pouco afastada e a leste da Ilha de Santa Catarina. O preto recebeu a imagem das mãos do seu senhor, embarcou numa lancha com outros e talvez muito contra a sua vontade foram colocá-la na ilha, lugar onde o santo deveria ficar para sempre.

No dia seguinte, de manhã, o sacristão, ao passar em frente do altar citado para ir abrir a porta da frente da igreja, deparou com um quadro estremeedor e que o deixou atônito. Deparou com a imagem velha ao lado da nova, justamente no mesmo lugar de onde tinha sido retirada pelas mãos de um homem vaidoso e déspota.

O povo do lugar, ao ter conhecimento do ocorrido, se dirigiu em correria para a igreja, inclusive o autor da infeliz reforma que, apoiado no seu orgulho de ricoço, não considerou como milagre do Santo o seu retorno a Ilha do Xavier para a sua antiga morada. Homem pretensioso e arrogante que era, desconfiou que aquela cena que acabara de assistir tinha sido executada pelo escravo, que talvez tivesse se penalizado de deixar a imagem sozinha na ilha e tarde da noite a recolheu no seu nicho da igreja. Embriagado pelo néctar do orgulho e do mando, com o peito arfante de sarcasmo, ergue suas mãos sacrílegas e, com elas servindo outra vez ao frágil poder terreno, retirou a imagem do seu nicho, levando ele mesmo para a ilha do degredo.

No dia seguinte, quando o sacristão foi abrir as portas da igreja, já encontrou a porta lateral aberta e viu no assoalho vestígios de pés humanos à água, desde a porta até o nicho do altar. Pasmado com a repetição do quadro, desta vez mais acentuada, deixou a igreja e foi comunicar ao povo. O senhor de engenho, quando entrou na igreja e deparou com as duas imagens, uma ao lado da outra, ficou comovido e reconheceu que o poder do mando que Deus concede ao homem é efêmero e, portanto, sujeito ao fracasso total.

Até hoje, ambas as imagens são conservadas no seu nicho, uma ao lado da outra, pois aquele templo sagrado conta com duzentos e oito anos de existência. Todos os anos, a 15 de janeiro, fazem uma procissão com a imagem nova e a velha é deixada num altar na sacristia para receber as promessas dos fiéis que recorreram ao Altíssimo por seu intermédio para receberem graças e bênçãos para seus males corporais.



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Festas Religiosas de Antanho:
o Divino no Ribeirão da Ilha

Eram assim os festejos antigos do Divino Espírito Santo em Ribeirão da Ilha, relatados pela veneranda senhora C.F. e confirmados por muitas pessoas do lugar. Esta senhora, com quem tive o prazer de conversar várias vezes, ficou com os olhos cheios de lágrimas ao recordar as antigas festas do Divino em seu lugar. Recordou e pediu que eu contasse para os que ainda mantêm no coração um cantinho para guardar as coisas do passado. Dias tão remotos, que só Deus sabe. Contou-me que quando os irmãos do Divino anunciavam a saída da igreja das Bandeiras para o peditório, o Povo abandonava os seus trabalhos e corria para ir acompanhá-las. A bandeira era conduzida por um irmão “alferes” e guardada diligentemente por outros irmãos designados pela diretoria da Irmandade, e acompanhada por uma orquestra, a “Folia”, ainda hoje conhecida como “Folia do Divino”.

A orquestra era composta de quatro foliões e os instrumentos: viola, rabeca, tambor e violino. Eram mestre-folião, primeira, segunda voz e voz fina. Só pernoitava na casa dos irmãos, onde era recebido com muito respeito, flores, foguetes e alegria.

Durante o ano, os irmãos se esforçavam para poder oferecer, no dia em que o Divino os visitasse, um verdadeiro banquete, depois da novena, pois, ajoelhados, passavam a noite rezando em frente ao altar, onde Ele se achava, prestando-lhe as honras devidas, unindo fé, a alegria, o sacro ao profano. Enfim, eram corações simples, voltados para as Alturas.

Na manhã seguinte, quando o Irmão Alferes segurava a Bandeira para as despedidas e que, de improviso, os foliões cantavam seus versos anunciando a partida do Divino, todos eram envolvidos pelo véu da saudade e desatavam a chorar de tristeza e alegria ao mesmo tempo. De alegria, choravam porque tiveram a felicidade de terem uma noite em sua companhia o Divino Senhor das consolações, e de tristeza porque, naturalmente, se lembravam que muitos dos seus entes queridos, que, em anos anteriores ali se fizeram presentes, já não mais existiam neste mundo de dores, sofrimentos e incertezas.



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Uma prosa, uma última benzedura

Falares do povo ilhéu

- a infância de antanho

“Polina, tu já falasse cô fio más véio do cumpadre Zé do Suterro, adispôs qui êle vortô da cidade da casa dos parente da mãe dele?”

“Eu, não, sinhora Canda!... Prô modo, que cá sinhora tá me perguntando isso?”

“Antão tu não sabe qui êle inté si parece falante, quiném um dotore? Vai pra venda da cumadre Vitória do Berto, sassenta inriba dum caxão de crosena e não dêxa os bobóca do nosso lugá falá. Conta um pudê de gaboliça qui aprendeu na cidade cás muié qui nós não devemos nem falá no nome delas, qui Deus mi perdôe” e deu três tapinhas no rosto como sacrifício. “Polina, inté tá fazendo pôco caso das moças do nosso lugá. Chega inté a dizê que não vai perdê tempo di oiá prelas, porque elas tem pitiume de massa crúa.”

“Qui Deus não mi castigue, sinha Canda, mas fia minha é qui não vai dá corda prá simiante pilantra qui si caí morto cai inriba das terra dos zotro.”

“Si tu vê, Polina inté não veste más cirôla, rapariga!... A mãe dêle mi amostrô as rôpa di baxo qui cobre as vregonha dele, muié!...”

“Cruz, Credo, Vrigi, temo mesmo é no fim do mundo!”

“Si dargum tempo um moço casadori havea de andá ansim cás perna das cirôla, qui tavo em casa, iguali quiném a moda suja que êle aprindeu na cidade.”

“A mãe corto, sinha Canda?”

“Inté parece coisa do capeta qui tá sôrtto nesse mundo más qui cortô, fia da minha alma, cortô sim!...”

“É, sinha Canda, a inducação tá si acabando neste mundo, os fio já não arrespeito más pai i mãe. A minha finada mãe, quondo insinava nós a rezá, sempre dizia pró mô pai: ' Cezaro, eu tenho muita dó dos môs fios e das minha fia, proque êles vão passá muito trabaio prá venvençá côs tempo qui tão prá modo vi.”

“E sabes da mió, Polina? a camôca da mãe dele dá tôda rezão pró bandaio do fio, e pêlo jeito qui, cô bispando, ela também, tá arressorvida de cortá as perna das cirôla do marido dela do Fedenço. Disse prá mim qui o fio tem muita rezão, porque aque papo de cirôla qui cai inriba dos pés dos zome ajunta muito cisco e muita purga. Tu já visse qui desavregonhada, qui aquela bisca, é! Uma muié qui já tá côs cabelo da cabeça rajando quiném fiote de aibú quando cumeça a ficá negro, não tem um pôco de vregonha na porca da cara.”

“A mióri, sinha Canda, ainda á prá ví guarqué dia. Oie, minha fia, quarqué dia êle tira as carça de riba da pele i da prá andá no meio da rua só caquela rôpa de baxo que tapa as vregonha dele, qui é prá mode larga o máu exemplo qui êle trôce da cidade, no povo do nosso lugá. A sinhora márqui bem a hora qui eu tô dizendo essas coisa da bôca prá fora”.

“É minha fia, tumara qui os zanjos do céu não digo amén!”

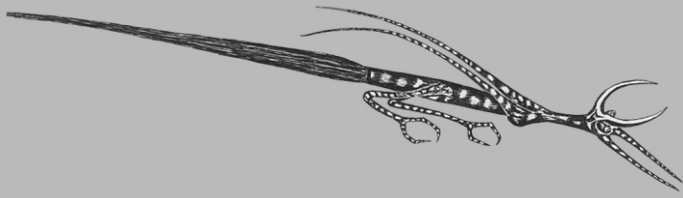
“Eu não disse pô maliça, não, sinhora, más é qui êle é um moço sortero muito simpafiado i gabola.”

“Oia, Polina, qués vês purga, pricura um cachorro magro! O pai é um samôco desinxervido, não tem pudê nenhum em casa cá famia.”

“Não!...i sinha Canda, isso é castigo qui guarqué dia vai desabá bem inriba das nossas costa. Nosso sinhô já tá muito aborrucido com nós, porque ninguém arrespeita más Ele.”

“Eu, também, acho, minha fia, proquê tô vendo coisa... Qui não tenho corage de contá prá nenhum vivente. Isso são coisa qui os antigo dizio que haverá de vi no fim do mundo.”

“Pois é, más pêlos pecador, também, paga os justo!”



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Mulher canta galo

Conta a estória que no tempo distante da colonização da Ilha de Santa Catarina, na Armação de Lagoinha do Pantano do Sul, existiu uma senhora viuva de um senhor de engenho, que possuía muitos escravos roceiros.

Naturalmente, ela vivia às custas dos rendimentos de resultados de produções do trabalho deles. Ora, se o negro era tomado pelo cansaço físico em virtude do mau trato que muitos senhores lhe davam, lógico que produziam pouco. Daí o prejuízo para ambas as partes.

Afirmou <-me a> madame estória da Armação que a dita senhora de engenho viuva, não tratava bem os seus escravos em questões de alimentação.

Eles viviam muito sonolentos devido (a) o estado de fraqueza e por tal motivo eram muito dorminhocos.

A senhá exigia, até, que nas noites de luar, eles fossem para a roça trabalhar, e, também, nas noites escuras, antes do amanhecer já estivessem na roça, para começarem cedo o trabalho roceiro.

Como a viuva não possuía relógio todo o controle das horas eram feitos pelo cantar dos galos.

Como ela era uma pessoa muito inteligente lembrou-se de acordar os escravos bem cedo através da posição das estrelas, indo para debaixo dos poleiros das galinhas que dormiam pousadas nos galhos das árvores e cantar quem galo músico Pinto que nasce na noite de natal, e quando fica adulto o seu cantar estende-se até que ele toque com o bico na terra.

Esta espécie de galo é conhecida popularmente como galo músico, virtude divina que recebeu pelo nascimento do menino Jesus, diz o Povo humilde.

Pensou em se metamorfosear em galináceo e pôs em prática.

lá para debaixo do poleiro cantava quem galo e corria para a senzala alim de chamar os escravos e encaminha-los para os lugares das roças para que eles logo iniciassem o trabalho.

Os escravos passaram a desconfiar do relógio apesado da Sinhá Dona pois as vezes chegavam na roça às duas, três, quatro horas da manhã, que era muito cedo pois não podiam capinar roçar capoeiras ou praticar famosas derrubadas da mata dentro da escuridão da noite.

Reclamar não era possível pois seriam castigados.

Entre eles em conversas é não é tal coisa, um lembrou-se de por várias vezes haver escutado um cantar de galos, meio estranho vindo de perto do poleiro das galinhas.

Então, o resultado da conversa foi combinar que um dos negros mais corajosos se escondesse nos matos perto do poleiro para observar que espécie de fantasma aparecia por aqueles cantos afim de imitar galo músico.

Ao anoitecer depois da janta ou ração que eles ganhavam, um crioulo passou a vigiar o local, protegido com vários brebes orações e corpo fechado, praticado por uma nega da turma que era curandeira feiticeira e até bruxa.

Lá pelas tantas horas da noite que estava bem escura, com as estrelas encobertas pelas nuvens prenas de temporais, a Sinhá Dona surgiu debaixo do galinheiro batendo azas com as mãos, e musicando o canto de galo quase com perfeição galinácea.

O escravo permaneceu oculto até que ela chegasse na senzala, onde então na presença de todos os seus irmãos escravos e da Sinhá Dona, afirmou que viu quando ela se apresentou debaixo do poleiro das galinhas, cantando de galo rouquenho, ou de relógio avariado.

São coisas que o teu Povo conta como realidade, ó minha Ilha de Santa Catarina, honte virgem hoje martir.

Franklin Cascaes - 5.3.1957. Sinteticamente contada por D. Iracema (Campeche). Recriada por F.J.C.



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

A BRUXA METAMORFOSEOU O SAPATO

O Sabinano da Ponta das Canas, tinha uma filhinha embruxada, que até metia dó à própria bruxa que a vinha sacrificando há muitos meses.

Aconselhado por amigos, ele passou a tratar a criança com um benzedor que morava na praia dos Ingleses.

O benzedor chamava-se Sotero das Capivaras e era um famoso curador de doenças dos outros mundos. Mas o tratamento que ele vinha aplicando para a criança do Sabiano não estava a produzir resultados satisfatórios.

O dia marcado para ele voltar a casa do benzedor foi uma sexta-feira.

De manhã bem cedo, o Sabiano levantou-se arrumou o gado no potreiro, tomou café, lavou os pés na gamela promode os havia sujado, enxugou-os, e pediu à mulher que lhe apanhasse os sapatos que estavam pendurados nos caibrosdo telhado da varanda.

A mulher dele, a Sotera, foi apanhá-los, mas só encontrou o sapato do pé direito, o outro não estava.

Procuraram em toda a casa, mas cuáli nada, não tava em nenhum lugar.

Pensou consigo: deve ter sido o cumpadre Zé Maratato.

Aquilo anda sempre pricurando coisas mode fazer das suas...

O tempo tá seco e o mihió memo prá mode a gente caminhá é descalço.

Apanhou uma cesta tecida de folhas de tabua, botou um vidro branco dentro e rasgou os pés no caminho, na direção dos rios das Capiras dos Ingleses.

Consultou o doutro curandeiro, apanhou o remédio e mandou-se de volta a caminho de casa.

Já havia caminhado um bom pedaço, quando algo chamoulhe a atenção.

Olhou na direção da Ilha Mata Fome, e se deparou com um quadro curioso e horrível: uma bruxa passando pelo mar com o sapato dele transformado num barco, com uma vela bem enfunasa quiném lancha baleeira, passeando mui calmamente.

Apavorado com o que vira, retornou a casa do benzedor e narrou-lhe o fato.

O doutro benzedor apanhou um dente de alho com casca e mandou que ele o colocasse na boca e voltasse descançado para casa. Quanto à bruxa, ele a faria perder o estado fadórico, e consequentemente, o encanto, dentro de poucos minutos.

Ele atendeu a ordem do benzedor e calçou os pés no areião do caminho, de volta prá casa.

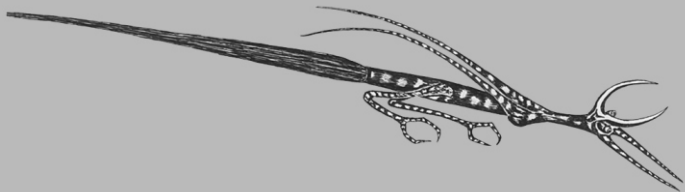
Quando chegou no terreiro, a Sotera já estava com a notícia bruxólica na pontinha da língua quase escapulindo.

— "Sabiano, o teu sapato apodreceu nos caibros da varanda, molhado, sujo de areia da praia, e com um furo bem inriba do bico."

— Logo vi que aquela êgua ia dar-me prejuizo.

Êla furou o meu sapato prá mode meter o mastro da vela.

Franklin Joaquim Cascaes/Ilha de Santa Catarina



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

BALÉ DE MULHERES BRUXAS

Depois de haverem chupado muito sangue de inocentes criancinhas, sem serem molestadas por benzedoras, armadilhas e outros, esta caterva de mulheres resolveram comemorar a vitória diabólica, com uma dança de balé bruxólico no Morro do rapa no extremo norte da Ilha de Santa Catarina, sobre a batta rubra do ex-anjo Lúcifer.

Afirma a Madame Estória, que as mulheres bruxas possuem uma inteligência excepcional, a qual elas usam sempre para ludibriar o homem de argila humana crua.

Por isto, elas vivem às turras com benzedores, armadilhas e outros, desde os séculos dos séculos.

Madame Estória vê,

O sinistro Lucifer

Bispando o lote de bruxas,

Que está dançando balé.

Após haverem chupado

Muito sangue de criança,

Estas bruxas elegantes,

urdiram esta Festaça.

O balé que elas usam.

É o balé da bruxaria.

Marcado nas horas mortas,

Quando vem o fim do dia.

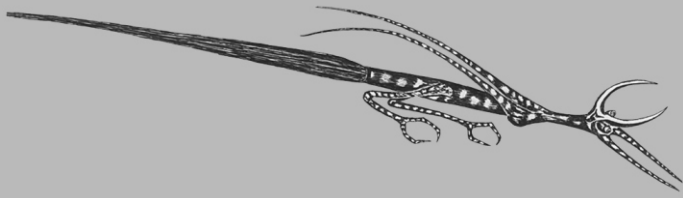
Hó! minha Ilha encantadora,

Meu fraco é sempre te amar.

Pois tu és catita bruxinha

Que repousa sobre o mar

Franklin Joaquim Cascaes/Ilha de Santa Catarina



não há nada de novo debaixo do sol

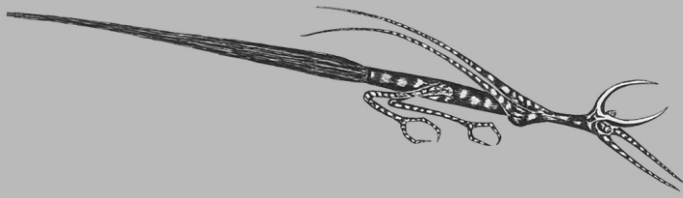
proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

MULHERES DANDO NÓS EM CAUDAS E CRINAS DE CAVALOS

A Madame Estória Mexerica, conta que as mulheres bruxas costumam, para levar a cabo suas malvadezas bruxólicas, roubar cavalos nos pastos e poteiros, fazê-los galopar pelos ares e dar-lhes nós indesejáveis nos rabos e nas crinas deles.

Quando isto acontece, seus donos quase sempre são obrigados a cortar parte dos pelos dos seus animais.

Franklin Joaquim Cascaes/Ilha de Santa Catarina



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Vassoura Bruxólica

É, neste mundo de Deus, há muitos mistérios e esta gente simples aqui da Ilha vive estas coisas quase como uma realidade. Meus lobisomens, bruxas, demônios e boitatás existem". Sempre foi crença do povo hospitaleiro desta Ilha dos famosos bois de mamão que, na Sexta-Feira-Santa, não se deve tomar instrumentos de trabalho para usa-los, seja qual finalidade for. É também costume tradicional deste povo, descendentes de colonos açorianos, que, na Sexta-Feira-Santa, a partir de zero hora, devem banhar-se nas ondas do mar, levando consigo animais domésticos, para purificarem-se e protegerem-se de todos os males do corpo físico e espiritual. As águas colhidas nesta hora servem para todo o tipo de cura. É a fé, longínqua dos tempos, aliada a superstição, ao medo e ao amor pela conservação do corpo físico, na cura dos males que atacam o homem em franca vivência espiritual e física com o seu Deus. As forças atuantes de práticas religiosas freiam os instintos animais do homem, encaminhando-o, espiritualmente, para viver com bons modos junto com o seu Deus, com a cultura, na sociedade e conseqüentemente com o seu próximo. Entrementes, sempre aparecem nos meandros desses cenários fantásticos, e outros moderados, pessoas que se arrojam contra os poderes divinos, maltratando esses conjuntos de sociedades freadoras, veículos insubstituíveis de abrandamento de sofrimentos que martirizam e acoitam a criatura humana. Um caso de desrespeito espiritual aconteceu há muitos anos passados, lá pras bandas do sul da Ilha de Santa Catarina. A Maria Vivina, moradora da praia dos Naufragados, fez uma aposta com a Carrica, de que, na Sexta-Feira-Santa daquele ano, ela tomaria uma vassoura e com a mesma, varreria o quintal de sua casa e, certeza tinha, nada lhe aconteceria de extraordinário. Apostaram um par de tamancos contra uma botina. E firmaram a promessa da aposta, casando-a. Quando a Vivina deu a primeira varredela, a vassoura soltou-se de suas mãos qui nem um relâmpago, metamorfoseou-se em bruxa, ganhou altura sobre o morro do Ribeirão da Ilha e desapareceu, num repente, no espaço sideral das alturas incomensuráveis da quimera. A Maria Vivina caiu de joelhos no terreiro, rezou e pediu perdão aos céus pelo ato impensado que havia cometido contra as ordens divinas, chorando copiosamente. A Carrica abraçou-se com ela e ambas choraram e sentiram o amargo do néctar da desobediência humana. Nenhuma das duas era bruxa, porque a vassoura, que é um instrumento de montaria de bruxas, foi embora, viajar pelo espaço sideral, sozinha. Oh! Minha querida Ilha de Santa Catarina de Alexandria, és a graciosa sereia que repousa sobre brancas areias de comoros errantes, sambaquis seculares, banhada pelas ondas acasteladas do oceano, perfumada pela brisa acariciante dos ventos e enxuta com as toalhas felpudas dos raios solares que beijam calorosamente seu corpo mitológico.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

_ Chico Olivério contava que tinha um galo de briga e o vizinho dele também. Um certo dia se conversaram pra botar uma briga, aquela história; o meu galo é mais vantajoso por isso, porque aquilo, porque não sei o quê. E então botaram os dois galos na rinha para brigar. O de Chico Olivério perdeu a briga. O outro galo deu uma esporada e quebrou uma perna. Ele pegou o galo, levou pra casa e encanou a perna machucada com umas farpas de bambu, botou uns remédios, geralmente botava muito é agrião e mastruz e depois amarrava isso no ferimento. Depois soltou o galo no terreiro junto das galinhas. Depois uma galinha chocou, ele botou no choco. E os pintos, os machos todos nasceram com perna de pau, por causa do galo que estava com a perna encanada. Então eles perguntavam: seu Chico, e as fêmeas, não? “As frangas, não, porque a galinha não estava com a perna encanada”.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Um caçador que era sapateiro foi caçar e esqueceu-se de levar chumbo, mas como era sapateiro, andava sempre com aqueles preguinhos no bolso. Viu um bando de pássaros, lembrou-se de colocar pregos na espingarda. Dito e feito, atirou nos pássaros que, porém, ficaram pregados na espingarda. Um veio cair aos seus pés. Ficou arrependido ao ver tanto sangue que caía.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

O esqueleto voador

Aconteceu o seguinte: um dia a vaca de um cara (o narrador da estória) morreu. Como ele não sabia, deixou-a sem enterro, até que alguém veio avisá-lo de que o animal estava morto, no pasto. Então, ele veio com a enxada para dar-lhe sepultura. Quando lá chegou, viu um bando de urubus comendo a carne do animal. Então os bichos se assustaram e os eu estavam dentro do esqueleto não tiveram tempo de fugir. Meteram os pescoços entre as costelas da vaca e bateram asas dentro. Com a pressão, o esqueleto do animal subiu. Os urubus voaram com ele pelas bandas do sul da Ilha até sumirem no céu.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Bruxa dos tempos modernos

Um dia o dia chegou.

E chegou naquela praia de águas límpidas e revoltas de ar puro e aromatizado cheirando a alga marinha e a perfume de orquídeas *lélia purpurata*, o senhor todo poderoso, efemerante progresso mais a madame poluição. Um dia acostaram lá naquele recanto que vivia uma vida só de belezas naturais.

O senhor progresso, enfatuado arrogante e mistificado estava usando um grande carrão de cor roxo grande, dirigido por um motorista muito bem empetecado dos pés a cabeça, com os dedos cheios de anéis quiném o gostosão saturno lá nas planícies celestiais.

Quando chegou em frente da praia, com toda delicadeza pucha que pucha, parou a máquina do carrão roxo, freiou-o desembarcou, saltitante, e procurou saudar a terra onde o seu senhor devia colocar os pés para desembarcar.

Com a sola do seu sapato bursiguim o motorista tapou alguns buracos e retirou algumas pedrinhas intrusas que estavam por ali trazidas do alto dos morros em ocasiões de enxurrada su-lestina.

Depois do aparato pucha-pucha acuarado, ele pôs a mão esquerda enluvada no trinco da porta do carro abriu-a com todo cuidado melodioso e ofereceu-a ao seu senhor incrispado de vaidades ilusórias depredadoras, para que desembarcasse do seu carrão roxo.

O senhor progresso colocou-se na frente do carrão, arremendou os monumentos gramíticos da Ponta da Garças, ou do Retiro os cânoros de areias aluviais errantes, alvíssimas vegetações marinhas coroando os comoros, penteados pelo vento sul e encaracoladas pelo vento norte; a extensão quilométrica da praia coberta de areias claras sempre lavadas pelas ondas gigantes do arquiteto oceano, a praia da Lagoa da Conceição e os ranchos de canoas dos pescadores.

O motorista abriu o bagageiro do carrão apanhou uma bandeija com copos muito bem protegidos contra poeirinha dos caminhos e genuflexando na frente do seu mítico senhor pôz-lhe ao alcance do ingulidor uiskes batizados, crismados e confessados, quiméricamente.

Senhor a madame Bruxa-poluição está chegando aí: posso recebê-la?

Pois não meu caro obedecedor: pode sim.

A megera e encardida madame poluição saiu da praça XV dirigindo um esqueleto automovel forde que encontrou num depósito de ferro velho que morou na rua Alvaro de Carvalho nos dias passados.

Trajava um vestido muito encardido feito com a fumaça de chaminés de indústrias tecnicamente, inesperientes, coberto com uma túnica confeccionada com retalhos de muitas conversas ditas num trecho da Felipe Schmidt, o corredor dos mistérios diabólicos do anjo Lucifer da Ilha de Santa Catarina, por bruxos velhos e novos, uzeiros e vezeiros representantes míticos das esperanças satânicas que assustam o pobre e maltratado homem de argila crua que hoje foge espavorido em procura de mundos desconhecidos onde possa encontrar a deusa salvação.

Seus lábios estavam pintados com o baton grande fabricado com o terror das guerras frias. Os cabelos estavam untados com as águas detritadas dos nossos mares, lagoas e rios;

Madame Poluição dê-me licença.

Pois não caro mítico primeiro ministro progredor.

O que deseja de mim?

Com vossa licença vou falar-lhe.

Aqui neste recanto virgem da famosa Ilha de Santa Catarina acha-se o senhor todo poderoso Progresso, que veio aqui pra mode fazê a reforma técnica no ambiente natural.

Ele está pedindo a vossa gentileza de dar uma chegadinha lá onde ele se acha colocado.

Coma a senhora sabe muito bem o meu patrão senhor Progresso é o descendente mais inteligente e astuto da raça mico-mica.

Ele sempre condenou estas coisas exóticas que a tal madame natureza fez por aí em sete dias.



proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

BALANÇO BRUXÓLICO

Contou-me a seguinte estória acontecida na Ilha de Santa Catarina - Ilha dos trezentos engenhos de fabricar farinha de mandioca - o Sr. José Silveira residente no Canto da Lagoa da Conceição: que seus antepassados fizeram uma derrubada no Morro da Lagoa prá mode fazerem uma plantação de mandioca e mihio. Aconteceu - continuou o narrador - que na margem da roça derrubaram um grande tanheiro, bem vazado, que ficou caído ao pé de uma grande árvore que tinha em si um cipó enroscado e que de lá do alto das ramagens dixava cair um grande seio em forma de balanço.

Quando começaram a fazer a plantação, sentiram cheiro de fumaça de querosene, que saía de dentro do vazado do tanheiro, e também porque ali faziam a comida, notaram que as panelas amanheciam sujas e as ferramentas atiradas pelo chão, como se alguém dentro da noite lá aparecesse somente para fazer malvadezas.

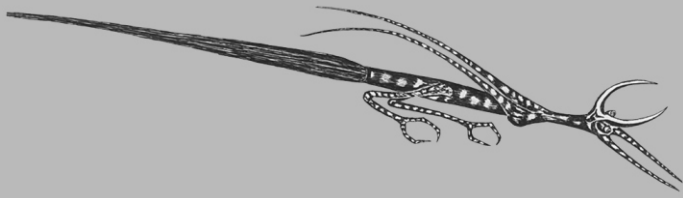
Desconfiados com a situação, passaram a vigiar o lugar e constataram que dentro da noite a ramagem da árvore que tinha o balanço, era tomado por luzes de várias formas e tamanhos e que se movimentavam para direções diversas.

Encorajados por uma mulher benzedeira muito entendida e poderosa destas coisas dos outros mundos, subiram o morro protegidos com bentinhos, breves, figas, mostarda, arruda, cisco das três marés, água benta, vela benta, folhas de guiné, que são verdadeiras armas contra o poder diabólico destes trasgos dos infernos.

O que encontraram e viram era horripilante para os olhos humanos. As árvores tinham na base formas de pés de vários animais, lamparinas dançavam metamorfoseadas em forma humana; na boca do tanheiro derrubado estava um bicho em forma de morcego; no alto da árvore a canga do carro de boi estava pousada, ao lado de uma lamparina; um pouco abaixo uma coruja com cara de roda de carro de boi enfeitada com um par de antolhos; e no centro de tudo, de toda fantasmogênese uma bruxa se balançava no cipó fantasiada de cabeça de boi com pernas traseiras e mãos dianteiras, também de boi, e sendo a cabeça uma roda de carro de boi.

Todas as pedras que ali viviam estavam metamorfoseadas em atitude de exorcismo.

A coruja que aparece metamorfoseada no meio da árvore, se destaca como um observador cultural, deste tipo de cultura que o Povo antigo conduz em sua bagagem tradicional ...



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

NOSSA SENHORA, O LINGUADO E O SIRI

Conta a estória que certa ocasião Nossa Senhora precisou atravessar o mar, mas não tinha certeza se a maré iria encher ou vasar.

Estava parada na praia; praia esta que deveria ser no continente, mas ela queria passar para a mais bela ilha da terra, a Ilha de Santa Catarina, quando surgiu um bonito linguado nadando alí perto dela.

Com toda sua beleza e ternura celestial, dirigiu-se ao peixe linguado, indagando-lhe se sabia ou não se a maré ia encher ou vasar.

O linguado respondeu a pergunta da Senhora, remedando-a. Ficou com a boca torta.

Um siri que havia escutado a indagação da Senhora e a deseducada resposta do linguado, dirigiu-se a ela com toda educação sirinesca, e lhe ofereceu uma carona até a praia onde ela queria alcançar.

Afirma a estória que o resultado deste acontecimento lendário é o seguinte: o linguado ficou com a boca deformada. No casco do siri se observa, em baixo relevo, a figura de uma senhora segurando os lados da saia, para não molhá-la. Deve ser o retrato de Nossa Senhora, num ato celestial sublime de sincero agradecimento, pela atitude hospitaleira do frágil crustáceo.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

O Dragão

O dragão possui a capacidade de assumir muitas formas, mas estas são inescrutáveis. Em geral o imaginam com cabeça de cavalo, calda de serpente, grandes asas laterais e quatro garras, cada uma dotada de quatro unhas. Fala-se também de suas nove semelhanças: seus cornos se parecem aos de um cervo, sua cabeça à do camelo, seus olhos aos de um demônio, seu pescoço o da serpente, seu ventre ao de um molusco, suas escamas às de um peixe, suas garras às da águia, as plantas de seus pés às do tigre e suas orelhas às do boi. Há espécimes aos quais faltam orelhas e que ouvem pelos chifres. É comum representá-lo com uma pérola, que pende de seu pescoço e é emblema do sol. Nessa pérola está seu poder. É inofensivo se despojado dela.

A história lhe atribui a paternidade dos primeiros imperadores. Seus ossos, dentes e saliva gozam de virtudes medicinais. Pode, segundo sua vontade, ser visível ou invisível aos homens. Na primavera sobe aos céus, no outono submerge na profundidade das águas. Alguns não tem asas e voam com o próprio impulso. A ciência distingue diversos gêneros. O dragão celestial leva no lombo os palácios das divindades e impede que esses caiam sobre a terra; o dragão divino produz os ventos e as chuvas, para o bem da humanidade; o dragão terrestre determina o curso dos arroios e dos rios; o dragão subterrâneo cuida dos tesouros vedados aos homens. Os budistas afirmam que os dragões não são menos abundantes que os peixes de seus muitos mares concêntricos; em alguma parte do universo existe uma cifra sagrada para expressar seu número exato. O povo chinês crê mais nos dragões que em outras deidades, porque os vê com tanta freqüência nas nuvens inconstantes. Paralelamente Shakespeare havia observado que há nuvens com forma de dragão (*sometimes we see a cloud that's dragonish*)

O dragão governa as montanhas, veicula-se à geomancia, mora perto dos sepulcros, ETA associado ao culto de Confúcio, é o Netuno dos mares e aparece em terra firme. Os reis dos dragões do mar habitam palácios resplandecentes sobre as águas e se alimentam de opalas e de pérolas. Há cinco desses reis; o principal está no centro, os outros quatro correspondem aos pontos cardeais. Têm uma légua de comprimento; ao mudar de posição abalam as montanhas. São revestidos de uma armadura de escamas amarelas. Abaixo do focinho tem uma barba; as pernas e a calda são peludas. A testa se projeta sobre os olhos chamejantes, as orelhas são pequenas e cheias, a boca sempre aberta, língua comprida e os dentes afiados. O hálito ferve os peixes, as exalações do corpo fazem assar. Quando sobe a superfície dos oceanos produz redemoinhos e tufões; quando voa pelos ares causam tormentas que destelham as casas das cidades e inundam os campos. São imortais e podem comunicar-se entre si apesar das distâncias que os separam e sem necessidade de palavras. No terceiro mês fazem seu informe anual aos céus superiores.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

O Macaco da Tinta

Este animal existe em abundância nas regiões do Norte e tem quatro ou cinco polegadas de comprimento; os olhos são como cornalinas e o pêlo é negro azeviche, sedoso e flexível, macio como uma almofada. Possui um instinto curioso: é grande apreciador da tinta nanquim, e quando as pessoas escrevem, senta-se com as mãos uma sobre a outra e as pernas cruzadas, esperando que tenham terminado, e bebe o que sobra da tinta. Depois volta a sentar-se de cócoras e fica tranqüilo.

Wang Ta-Hai



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Porca com Correntes

Na página 106 do *Diccionario Folklórico Argentino* (Buenos Aires, 1950), de Félix Coluccio, lê-se:: Ao norte de Córdoba e muito especialmente em Quilinos, fala-se da aparição de uma porca acorrentada que comumente se apresenta em horas noturnas. Asseguram os que moram nas vizinhanças da estação da estrada de ferro que a porca com correntes às vezes desliza pelos trilhos, e outros nos afirmaram que não era raro que corresse pelos cabos do telegrafo, produzindo um ruído infernal com as “correntes”. Ninguém conseguiu vê-la, pois quando a procuram desaparece misteriosamente.



não há nada de novo debaixo do sol

proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Um animal sonhado por Kafka

É um animal com uma calda grande, de muitos metros de comprimento, parecida com a raposa. Por vezes eu gostaria de segurá-la mas é impossível; o animal está sempre em movimento, a cauda sempre de um lado para o outro. O animal tem algo de canguru, mas a cabeça pequena e oval não é característica e tem alguma coisa de humano; só os dentes tem força expressiva, quer os esconda ou mostre. Tenho seguidamente a impressão de que o animal quer me amestrar; senão, que propósito pode ter ao retirar-me a cauda quando quero agarrá-la, e depois esperar tranquilamente que ela volte a atrair-me, para logo tornar a saltar?
Franz Kafka: *Hochzeitsvorbereitungen auf dem*

Lande, 1953



não há nada de novo debaixo do sol

Proposição 3 “conta um conto que eu risco um ponto”

Uma Cruza

Tenho um curioso animal, metade gatinho, metade cordeiro. É uma herança de meu pai. Em minha companhia desenvolveu-se completamente; antes era mais cordeiro que gato. Agora é metade um e metade outro. Do gato tem a cabeça e as unhas, do cordeiro o tamanho e a forma; de ambos os olhos, que são ariscos e faiscantes, a pele suave e ajustada ao corpo, os movimentos a um tempo saltitantes e furtivos.

Estirado ao sol, no peitoril da janela, enrosca-se e ronrona; no campo corre como louco e ninguém o alcança. Foge dos gatos e quer atacar os cordeiros. Nas noites de lua seu passeio favorito é a calha do telhado. Não sabe miar e abomina os camundongos. Passa horas e horas à espreita frente ao galinheiro, mas jamais cometeu um assassinato.

Eu o alimento com leite; é o que lhe faz bem. Sorve o leite em grandes goles por entre seus dentes de animal de rapina. Naturalmente é um grande espetáculo para as crianças. A hora de visitas é aos domingos pela manhã. Sento-me com o animal nos joelhos e sou rodeado por todas as crianças da vizinhança.

Fazem-se então as mais extraordinárias perguntas, que nenhum ser humano pode responder: Por que existe um só animal assim, por que eu e não outro o possuí, se houve antes um animal semelhante e o que acontecerá depois de sua morte, se não se sente só, por que não tem filhos, como se chama, etcétara. Não me dou ao trabalho de responder: limito-me a exibir minha propriedade, sem maiores explicações. Por vezes as crianças trazem gatos; uma vez chegaram a trazer dois cordeiros. Contrariando suas esperanças, não houve cenas de reconhecimento. Olharam-se mansamente com seus olhos animais e aceitaram-se uns aos outros como um fato divino. Em meus joelhos o animal ignora o temor e o impulso de prosseguir.

Aconchegado a mim, é como se sente melhor. Apega-se à família que o criou. Essa fidelidade não é extraordinária; é o verdadeiro instinto de um animal que, embora possua na terra inumeráveis laços de parentesco, não tem nenhum consangüíneo, e para quem o apoio que encontrou em nós é sagrado.

Por vezes tenho que rir quando funga a meu redor, enreda-se pelas minhas pernas e não quer afastar-se de mim. Como se não bastasse ser gato e cordeiro, quer também ser cachorro. Uma vez isso acontece a qualquer um eu não via maneira de sair de dificuldades econômicas, estava por acabar com tudo. Com essa idéia balançava-me na cadeira do meu quarto com o animal nos joelhos; aconteceu-me baixar os olhos e vi lágrimas que gotejavam em seus grandes bigodes. Eram suas ou minhas? Tem este gato de alma de cordeiro o orgulho de um homem? Não herdei muito de meu pai, mas vale a pena cuidar deste legado.

Tem a inquietude dos dois, a do gato e a do cordeiro, embora sejam muito diferentes, por isso o pelego lhe fica apertado. Às vezes salta para poltrona, apóia as patas dianteiras em meu ombro e chega-me o focinho ao ouvido. É como se me falasse, e de fato volta a cabeça e me olha com deferência para observar o efeito de sua comunicação. Para agradá-lo faço como se o houvesse entendido e movo a cabeça. Pula então ao solo e brinca ao meu redor. Talvez a faca do açougueiro fosse a redenção para este mal, porém devo negar-lha, pois ele é uma herança.

Por isso deverá esperar até que se lhe termine o alento, ainda que por vezes me contemple com um olhar de compreensão humana, que me instiga àquele ato razoável.

Franz Kafka